

## “RAQUEL NAVEIRA – OS FARELOS DO SAGRADO”<sup>1</sup>

José Nêumanne Pinto<sup>2</sup>

Numa entrevista que deu, em 1973, a Roberto González Echevarría e Emir Rodríguez Monegal, o grande poeta e pensador mexicano Octavio Paz disse que a poesia nasce de uma contradição básica: a de que nossas experiências não são históricas, mas nós o somos. Com aquela clareza peculiar de seu estilo de escrever e de falar, o Prêmio Nobel de Literatura assinalou que *“cada um de nós é irrepitível, mas as experiências da morte ou a do amor são universais e se repetem”*. Para ele, a matéria-prima da poesia é esta contradição histórico-existencial.

É muito difícil encontrar uma definição satisfatória da experiência poética – vocês todos hão de convir comigo – e, somente por isso, lhes peço vênha para esticar um pouquinho a resposta que o índio mexicano, de olhos azuis, deu a seus entrevistadores. Ele se referiu a quatro experiências básicas do homem: a morte, o amor, os desejo e o trabalho. Vamos diretamente à fonte e ouçamos suas palavras textuais: *“Essas experiências são históricas: ocorrem conosco e ocorrem com todos. Ao mesmo tempo, não são históricas: se repetem. Por isso se podem construir poemas – máquinas produtoras de tempo que continuamente regressa à sua origem, máquinas anti-históricas – sobre*

---

<sup>1</sup> Palestra proferida no Programa Poesia 96, na Biblioteca Mário Andrade, em São Paulo.

<sup>2</sup> Jornalista, escritor e poeta.

*essas experiências. Ao mesmo tempo, não se podem fazer poemas sobre as idéias, as opiniões e as outras experiências puramente históricas dos homens”.*

Tentar produzir poesia de idéias e de opiniões foi, segundo Octavio Paz, o erro da recente literatura engajada em suas duas vertentes: a comunista e a existencialista. Todos nós, que, em algum momento, fomos comunistas ou existencialistas, ou as duas coisas, sabemos do que ele fala e do equívoco da tentativa de mudar a história do homem recorrendo à arma da poesia. Pois, como bem lembrou o poeta de Blanco, a boa poesia não tenta fazer história. Ela transita pelas alcovas da história, conhece os segredos de seus haréns, habita sob a sombra dos corredores, refrescando-se na água cristalina das fontes dos jardins.

O que me seduziu, desde a primeira leitura da obra poética de Raquel Naveira, foi, em primeiro lugar, a intimidade de alcoviteira que ela estabelece com o leitor. Seu tom é sempre murmurante, nunca altisonante. Seu verso farfalha como seda e cochicha, nunca se impondo aos gritos. A história, para ela, é uma espécie de amiga de infância.

É muito simples dar-lhes exemplos específicos do que lhes digo. Abro, ao acaso, seu livro *Abadia*, editado pela Imago no ano passado, e me deparo com esses versos de Alhambra: *“Alhambra fica em granada/É fortaleza dourada e azul/Cuja torre recorda/A rainha aprisionada;/Sem mouros/E sem colinas,/Campo Grande tinha sua Alhambra,/O cine Alhambra,/Com cortinas de veludo verde,/Palco coroado de cactos,/Camarotes/Para que damas usassem leques e decotes”.*

A forma como a poesia transitou entre a história da fortaleza, construída pelos celtas e, depois, ampliada por romanos, árabes e cristãos, e a anti-história de uma lembrança infantil da autora é, ao mesmo tempo, tão suave e tão explícita que pode ser considerada quase um modelo.

A leitura dessa estrofe inicial do poema de Raquel Naveira praticamente inverte a valiosíssima definição dada pelo poeta José

Paulo Paes, nosso mestre, a respeito da experiência poética. Vou simplificar o que ele disse, tentando evitar uma redução grosseira demais do conceito: “*a boa poesia é a transfiguração de uma emoção pessoal numa sensação coletiva*”. O bom poeta consegue sempre provocar no leitor uma emoção, não necessariamente a original, que o levou a escrever o verso, mas, com certeza, algo que termina por atingi-lo em profundidade.

Raquel fez o oposto do sugerido: torceu a sensação coletiva, provocada nos visitantes da fortaleza pela experiência histórica de todos quantos por ali passaram, viveram e lutaram, até moldar sua lembrança de uma cena de sua infância. Ela submeteu os rigores da memória histórica à lembrança livre e pagã de uma anti-história bem pessoal.

É possível, de certa forma, dizer que, em Alhambra, ela radicalizou um processo que intuiu no poema Rumo ao Centro-Oeste, do livro Sob os Cedros do Senhor, publicado em 1994 pela João Scortecci Editora. Nesse poema, ela descreve a viagem dos libaneses “*enfrentando tempestades, em sortunos navios*”, trazendo “*na maleta, cultura e coragem*”, “*Estarrecidos de imensidão*”, eles desceram os rios do Mato Grosso em chalanas, segundo a poetisa “*embarcações incômodas*”. De carreta, seguiram para Campo Grande, “*arraial poeirento*”, lá onde fica “*a rua 14, onde havia uma casa, ficava no meio dos libaneses, a casa da minha infância*”.

Em ambos os poemas, ela chegou a propor ao leitor aquele dilema entre o lúdico e o lúcido, que Armindo Trevisan descreveu em Reflexões Sobre a Poesia. Cito as palavras textuais do crítico gaúcho: “*O poeta é o continuador da criança: faz-de-conta determinadas realidades, porque, justamente, pretende revivê-las. No fundo, ao metaforizar a ação, ao fingi-la, o poeta oferece um projeto de mundo. Não podendo criar, mimetiza uma utopia através de uma transcendência instantânea, que possui a aparência de uma vitória abrupta sobre o mundo*”.

Mas evidentemente não foi apenas a intimidade de alcoviteira que me encantou, à primeira leitura, na poesia de Raquel Naveira. Cochichada ao pé do ouvido, esta poesia tem uma dicção muito clara, muito precisa, pois, a exemplo de seu conterrâneo Manoel de Barros, ela é uma sacerdotisa da simplicidade.

Aqui é preciso fazer uma pequena pausa para que eu possa lhes esclarecer duas coisas. Primeiramente, não se deixem enganar pela aparência simplória da poesia dela, o que, aliás, convém também evitar na leitura da obra de seu irmão mais velho na arte poética. A simplicidade é apenas aparente, pois, para ser obtida na leitura, ela exige garimpo longo, muita paciência e um trabalho de cão na ourivesaria da escrita.

No fundo, a simplicidade dos dois é de um requinte extremo. Lembro a este paciente público a beleza, aparentemente singela, mas muito sofisticada, do poema Desarticulados para Viola de Cocho do citado Manoel de Barros. Como o assunto aqui é a discípula e não o mestre, resisto à tentação de ler estrofes do poema para dar como exemplo do que tento, em vão, explicar com minhas próprias e pobres palavras. Ouçam só: “ – *Cumpadre, e longe/é lugar nenhum/ou tem sitiante?// - Só se porém*”.

Em Raquel Naveira, simplicidade é método. Quem duvidar, que ouça o poema Glossolalia, do livro já citado Abadia: “*Livrai-me da linguagem/Essa que me faz escrever uns versos tristes;/Ir ao fundo das palavras/Como ‘pureza’ e ‘simplicidade’/Sem ao menos pronunciá-las;/Deixar-me proteger pela inocência,/Tornar-me criancinha/Nos braços do Pai,/Balbuciando:/ - Aba! Aba!*”

Preciso, porventura, recorrer a mais algum argumento para justificar a condição de garimpeira da simplicidade, afastando a jaça dos excessos verbais com rigor, mas suave serenidade?

Outro aspecto paralelo, para o qual eu peço a atenção de vocês, é para o fato de que Manoel de Barros e Raquel Naveira não chegam a construir uma escola literária, mesmo sendo, pelo menos implicitamen-

te, mestre e discípula e vindo, como vêm, da mesma província. Nem mesmo estão filiados, ambos, a algo assemelhado a grupo, igreja ou sequer a alguma linha ou vertente tradicional na poesia brasileira.

Houve épocas no Brasil, umas mais distantes, outras bem próximas, em que não se concebia o individualismo na produção poética. O sujeito, para ser admitido no clube fechadíssimo do parnaso, do anti-parnaso ou da vanguarda, precisava assinar algum manifesto, antes mesmo de inventar um poema. Quem não pertencesse a algum movimento podia se dedicar à poesia como uma forma sofisticada e prazerosa de masturbação, mas jamais seria aceito socialmente como “poeta”.

O vazo pegou de tal forma que a teoria literária universitária cataloga poetas pelos movimentos aos quais pertencem: os barrocos, os árcades, os românticos, os parnasianos, os modernistas, a geração de 45, os concretos, o movimento práxis, o poema/processo. Ninguém é obrigado a ler um verso de Castro Alves, mas o coitado do estudante que não souber que ele era um romântico leva zero bem redondo.

Pois, se vocês querem mais um motivo para saber porque me encantei, à primeira leitura, com a obra desta moça, eu lhes direi que foi pelo fato de ela não pertencer a escola nenhuma, de não trilhar nenhuma linha nem respeitar nenhuma tradição, seja ela antiga, ou mesmo contemporânea, por mais estranha que possa parecer tal contradição em termos. Afinal, alguém aqui pode me citar um, mas um só poeta contemporâneo, incluindo este bissexto que lhes fala, que não deixe transpirar um certo “joãocabraldemelonetismo” ao escrever algum poema?

Olhem, está tudo muito bom, está tudo muito bem, João Cabral é magnífico, um dos maiores poetas do mundo. Mas, pelo amor de Deus, essa servidão geral ao rigor de seus versos talhados a cinzel, cortados a faca, cantados a palo seco, está ajudando a desertificar a poesia brasileira. De tanto lermos e adotarmos como paradigma estrofes como “*Entre Tebas, entre a injusta sintaxe que fundou, Anfion*” temos

reduzido a poesia a “secas planícies” e nos aprisionado ao cerrado poético. Esta pode ser até uma crítica politicamente incorreta. Mas é também uma autocrítica.

Contando com o perdão de vocês, meus amigos, lhes digo que também gosto dos desertos e diamantes poéticos de Orides Fontela, mas babeie de gozo no oásis e veludos de nossa Raquel Naveira, cuja obra parece ser uma repetição permanente daquele verso de Cecília Meirelles: “*Eu mesmo sou o meu caminho / claro e sozinho*”. O que, aliás, não facilitou em nada esta abordagem que estou, meio tatibitate, tentando lhes apresentar. Sem parâmetros históricos nem tradições, nas quais encontrar os alicerces da poesia da moça, que resta a este leitor metido a crítico?

Ainda bem que nossa amiga comum Olga Savary veio em meu socorro, ao apresentar, no prefácio de Abadia, a saída para este impasse. Conforme é evidente a todos nós, nesta noite, Raquel Naveira é mulher. E o que é ser mulher, Olga escreveu e eu leio, agora: “*Mulher é chegar a abandonar todos os vestígios da infância – sendo menina, filha, esposa, sacerdotisa, vestal –, vestida de mantilha ou nua numa ilha. Testemunho do instante milenar entre a vida e a morte. Oferenda viva, coração entre as pernas, mística e sublime, teu nome é mulher*”.

Mulher, sim: coração na ponta dos dedos. “*Que sensibilidade e que percepção!*”, registrou Lygia Fagundes Telles a respeito desse lado feminino preponderante da obra de Raquel. Isso me lembra uma estrofe basilar de Murilo Mendes: “*Há uma mulher na pedra/Que desafia a eternidade/Deus pensa a eternidade na pedra/A eternidade é mulher*”.

A obra inteira dela se compromete com o eterno e se oferece ao feminino. Eu vou buscar um parágrafo de seu poema em prosa Mulher Samaritana – uma quase biografia, lançado pela Editora Santuário, de Aparecida do Norte, para lhes dar um pálido exemplo da sensibilidade feminina que Lygia, catedrática em sensibilidade, definiu como principal qualidade de sua arte poética. Raquel Naveira escreveu sobre

esta personagem bíblica, do Novo Testamento: *“Como ele tinha mais prazer em arredondar a farinha compacta com suas mãos calosas do que tocar os seus ângulos de mulher, ela o abandonou, simplesmente”*. O exemplo pode ser parco para dar uma idéia precisa do dedo de mulher no molde das palavras. Em outra quase biografia, a de Maria Madalena, editada no mesmo ano e pela mesma casa, ela nos deixa uma jóia de rara sensibilidade feminina: *“Ela levantou-se trêmula. O amor era um cone de cristal infinito, cuja ponta penetrara como lança em seu coração”*. O amor, este tema ao mesmo tempo físico e transcendental, seja como for, feminino por excelência, recebeu de outra mulher, Emily Dickinson, uma definição bela e completa: *“Love is anterior to life,/Posterior to death./ Initial of creation, and/ The exponent of breath”*. Este amor assim, anterior a vida, posterior a morte, inicial da criação e expoente da respiração, faz-se presente na obra de Raquel Naveira em toda a sua extensão: em corpo e alma, como no poema Eucaristia, que está em Abadia: *“Amo tua alma/E teu corpo/Com tal vivacidade/Que não desejo posse,/Mas suave entrega”*. Há, sim, muita sensualidade e muito misticismo em toda a obra poética dela. E, evidente, quando isso ocorre, a tentação é logo compulsar dois grandes pioneiros nesta comunhão de êxtases: Sán Juan de la Cruz e Santa Theresa d’Ávila. Ora, a própria Raquel Naveira escreveu a respeito desta em seu poema Êxtase de Santa Teresa, reproduzido no livro Fiandeira, que veio a lume pela Editora Estação Liberdade, daqui de São Paulo. Diz o poema: *“Nada pode dar tanta certeza/Da existência de um céu/Quanto o êxtase de Santa Teresa:/ O rosto banhado de luz,/Os olhos cheios de surpresa,/A boca entre o gemido e o prazer”*. E mais adiante: *“Nada pode dar tanta certeza/Da existência de um Deus/Quanto o êxtase de Santa Teresa:/A face clara e contraída,/ De vencedora e vencida/À espera do Anjo que traz a morte e a vida.*

Tudo parece fácil e óbvio. Por isso, gostaria, pelo menos desta vez, de fugir do lugar comum e procurar dois exemplos clássicos. O primeiro é o da nicaraguense Gioconda Belli, poetisa e sandinista, que, a exemplo de Paul Auster, está fazendo sucesso mercadológico

nos Estados Unidos, onde vive, como romancista. Bebendo na fonte clássica do Cântico dos Cânticos, ela nos presenteia com Bíblia, um lindo poema, sensível, erótico e muito feminino, publicado em seu livro *Amor Insurrecto*. O poema é assim, meus amigos: “*Sean mis manos como ríos/entre tus cabellos.//Mis pechos como naranjas maduras.//Mi vientre un comal cálido para tu hombría.//Mis piernas y mis brazos sean como puertas,/como puertos para tus tempestades.//Mi pelo como algodón en rama./Todo mi cuerpo sea hamaca para el tuyo/y mi mente tu olla,/tu canãda*”. Outra mulher, também hispano-americana, também rebelde, embora nunca tenha sido guerrilheira, Sor Juana Inés de la Cruz, comparece, com destaque na obra de Raquel Naveira. Tanto que é homenageada com um poema na citada coletânea, publicada sob o título de *Abadia*. A monja reclusa em sua cela, lendo seus livros e, por isso, enfrentando a hierarquia da Igreja Católica no México colonial, é uma espécie de paradigma para a moça que se mantém em sua província fechada, longe das glórias, das badalações e também das intrigas florentinas da corte literária nas metrópoles. Além do mais, a poetisa de hoje se identifica com a monja de antanho também pela forma discreta e murmurante, como revela seu amor pelo “noivo” místico, o Nazareno crucificado. Num de seus poemas, Juana expressa os efeitos do Amor Divino e propõe morrer amante, apesar de todo o risco. O poema começa de forma bela e discreta, assim: “*Traigo conmigo un cuidado,/y tan esquivo, que creo/que, aunque sé sentirlo tanto,/aun yo misma no lo siento*”. O misticismo sensual de Raquel Naveira é doce e sereno, nunca grandiloquente. Nisso, ela se distancia de outra mulher, Florbela Espanca. Só para lhes dar uma idéia do contraste entre uma declaração de amor altissonante, quase gritada, e os sussurros de Sor Juana Inés e de sua pupila sul-mato-grossense, vou ler para vocês a primeira estrofe de um soneto da famosa portuguesa, a quem Fernando Pessoa prestou homenagens, assim como Octavio Paz o faria para sua patrícia monja. O soneto se intitula *Oração* e seu primeiro quarteto é o seguinte: “*Ó Deus, senhor da terra, onnipotente,/Senhor do vasto mar! Senhor do céu!/Atendei esta prece humilde e crente./Ouvi-me por piedade, Senhor meu!*” Sem querer desmerecer a portuguesa, há nestes versos uma

tal conclamarão de humildade que ela pode muito bem se confundir com a soberba. Dois anos antes de Florbela Espanca escrevê-los, Gabriela Mistral surgiu para o mundo das letras com seus Sonetos de la Muerte, de 1914. A chilena, que viria a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura em 1945, deu uma idéia muito mais expressiva, clara e simpática da oração. Ela escreveu o poema Hiel, do qual lhes leio uma estrofe: *“Reza, reza que es dulce; pero sabe/que no acierta a decir tu lengua avara/el solo Padre Nuestro que salvara”*. Uma lição de humildade verdadeira, não é mesmo? Humildade, aliás, que era o forte da mexicana Sor Juana Inés de la Cruz. Imaginem que, no Prólogo ao Lector de sua Lírica, ela chegou a escrever; *“Estos versos, lector mio,/ que a tu deleite consagro,/ y solo tienen de buenos/conocer yo que son malos”*. Bonitinho, vocês não acham? Esta mesma humildade é possível encontrar na estrofe final de Sacristia, da Naveira: *“Entrei na sacristia/Como um rato./Um morcego cego,/Farejando./Triturando/Puindo com dentes ávidos/Os farelos do sagrado”*.

Acho que este poema resume, de forma magistral, o artesanato poético desta moça de Campo Grande: ela gosta de roer os farelos do sagrado. Na certa, por ter compreendido bem a lição dos versos famosos do já citado San Juan de la Cruz: *“Cuanto más alto se sube,/tanto menos se entendía,/que es la tenebrosa nube/que la noche esclarecía /por eso quien la sabia/queda siempre no sabiendo,/ toda ciencia transcendiendo”*. Um amigo meu, o jornalista baiano Noênio Spinola, vive me cobrando o que ele chama de meu desleixo no investimento no eterno. Ele acha que o jornalismo, com o qual sustento minha família, é circunstancial. Mas acredita também – e eu duvido – que sou dotado para vãos mais amplos, na poesia e na literatura. Por isso, insiste, eu deveria investir mais do tempo que ainda me resta a viver no perene, no imortal, no eterno, enfim. Não concordo com o diagnóstico, mas gosto da metáfora. Gosto tanto que lhes peço vênia para usar por aqui. A poesia de Raquel Naveira tem gosto de terra molhada e canta coisas e pessoas simples: ovos de cerzir meias, camisas de seda, formosas estampas, pão feito da flor de farinha, Mona, a mulher do sheik, a mãe drusa, o palestino no exílio, uma partida de gamão e

Jamile, bela e estéril. São pessoas e coisas que “*nos pasan y pasan*”, na definição genial de Octavio Paz, a que me referi no início desta nossa conversa. Isso lhes atesta a contemporaneidade, do que, aliás, ela não precisa. Mas, na verdade, “a poesia moderna” – conforme definiu com clareza e precisão, o poeta, crítico e professor universitário Carlos Felipe Moisés, em seu livro *Poesia não é Difícil* – “*em grande parte desistiu da paisagem metafísica dos universos paralelos, para fixar a atenção em outra paisagem, menos ambiciosa, mais próxima, talvez mais estimulante – a paisagem formada pelos objetos familiares e pela vida cotidiana*”. A observação do especialista foi feita na análise do poema *Eu, Etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade, o maravilhoso mineiro de Itabira, um dos poucos grandes nomes da literatura brasileira cuja obra pode ter influenciado a poetisa que serve de assunto a esta nossa conversa, justamente por comungar as hóstias do cotidiano e os farelos do sagrado.

Pois quanto mais é circunstancial na aparência, mais no fundo a obra de Raquel Naveira mira o rumo do infinito. Aqui funciona aquele velho e clássico teorema segundo o qual o artista será mais universal tanto quanto fale de sua aldeia. Parodiando-o, para não esgotar pelo uso o lugar do comum, talvez seja o caso de dizer, a propósito de nosso assunto, que o poeta será tanto mais completo quanto mais tratar do detalhe aparentemente insignificante. Ou, para não nos perdermos do tema e da metáfora maravilhosa de Noêmio, a obra poética apostará no eterno quando conseguir reproduzir com exatidão os fragmentos do instante. A respeito disso me surge a ocasião de lhes citar a pequena jóia literária, que é o poema *Passeio Entristecido*, do chinês Li Po, traduzido por Cecília Meirelles: “*O rumor de meus remos interrompeu/o hino de amor/que os nenúfares cantavam à lua*”. Como todos os poetas de todos os tempos, Raquel Naveira tem a missão de interromper o canto dos nenúfares, firmando um pacto com a permanência. Não se trata de algo que ela possa aprender ou ensinar na escola, mas de um dom inato, com o qual tem de conviver, faça-a gozar ou sofrer. Cito sempre, nestas ocasiões, uma definição do crítico Antonio Olinto, que, por muitos anos, escreveu

uma coluna, Porta de Livraria, no jornal carioca O Globo. Segundo esse mineiro de boa cepa, o romancista se faz, ou melhor ainda, a vida faz o romancista, mas o poeta tem pouco a fruir da experiência, pois o poeta já nasce assim ou nunca mais o será. Por isso, Machado de Assis publicou apenas depois de completar 40 anos de idade as obras-primas da ficção brasileira em todos os tempos, após haver produzido muitos romances apenas medianos, na juventude e mesmo na maturidade. Arthur Rimbaud se consagrou como um dos maiores poetas da literatura universal, mesmo tendo se tornado, depois de produzir uma obra precoce, um contrabandista de armas. Raquel Naveira faz parte deste time de eleitos, no qual Rimbaud joga. Trata-se de uma predestinação. De certa forma, a história dela se assemelha à daquela “Atriz”, protagonista de um dos poemas do sempre citado, mas nunca esgotado, Abadia. Diz o poema: *“A menina armênia/De olhos saltados./Nariz adunco,/Queria ser anjinho/No auto de Natal;/Anjinho só loirinha/Que tal pastorinha?//A menina cresceu,/Virou atriz./Um dia, para sua surpresa,/O diretor lhe disse:/Você veio da terra sagrada,/ Oriental./Exótica./O papel que lhe cabe/É o de Maria”*.

Como detectou o acadêmico alagoano Ledo Ivo, egresso de outra lonjura, sua voz poética tem o encanto da fronteira, dentro de uma música e de um ritmo que seduziram o fronteiriço Armindo Trevisan, lá no extremo Sul do país. Aos 39 anos de idade, Raquel Naveira ainda tem muito a produzir. Muito embora não devamos ser muito otimistas quanto ao fato de sua obra vir a lume com a mesma frequência com que será, certamente, produzida, pois todos nós sabemos como é difícil editar livros de poesia no Brasil. O que é uma pena, até porque sua inquietação permanente faz falta no ramerrão literário de nossos dias. René Char escreveu magnificamente em *Lenteur de l’avenir*, no poema de *Le nu perdu*: *“Il faut escalader beaucoup de dogmes et de glace pour jouer de bonheur et s’éveiller rougeur sur la pierre du lit”*. De fato, convém mesmo pensar por cima dos dogmas e do gelo para encontrar a felicidade e despertar o rubor na pedra do leito. Raquel Naveira tem dado sua contribuição com um entusiasmo do qual me sinto orgulhoso e honrado por participar. Pois, de certa

forma, partilho de sua felicidade de escrever e de sua angústia de não conseguir publicar o que escreve. Pouco importa. A poesia, meus amigos, é um sopro que sai do coração e alcança a ponta dos dedos pelas veias da alma. Neste mundo cru e cruel, onde vivemos, alguns seres humanos têm sensibilidade suficiente para descobrir a beleza oculta sob sólidas camadas de sordidez. A missão deles é mastigar nas hóstias do cotidiano os farelos do sagrado, revelando indícios da eternidade, ainda que em papiros, que só serão lidos quando o futuro chegar. Sem a loucura santa de tais profetas, a vida pode até continuar a ser vivida, mas perderá completamente a graça. Raquel Naveira figura entre esses eleitos. Trata-se de um doloroso compromisso, que ela precisa continuar honrando, enquanto lhe restar fichas para apostar na permanência. Estas fichas se chamam versos. Bola prá frente, menina!